

DOSSIÊ
CORPO QUE EXPRESSA E
PERCEBE – PERCEPÇÃO
E EXPRESSÃO DO CORPO





A DEFESA DO CORPO EM CONSTANTES TEMPESTADES: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A CULTURA PRIMITIVA E A SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Jefferson Jurema*

Resumo – Este artigo tem como objetivo estudar as diversas correntes do pensamento epistemológico sobre o corpo. Tentamos fazer um contexto entre as sociedades primitivas e pós-modernas identificando em cada uma o uso e a finalidade do corpo. Dentro do contexto de sobrevivência a sociedade primitiva trabalha de forma natural e espontânea, os valores corporais que são necessários para a harmonia social e a conquista de um espaço chamado família. Nesse sentido, o corpo é considerado como uma expressão que sobrevive em várias correntes do saber, mostrando a identidade epistemológica que o corpo carrega em si. A metodologia foi de caráter exploratório com estudo de caso e investigação qualitativa dentro do espaço social dos índios Tukano, produto já bem explicado em "O universo mítico ritual deste mesmo povo". Concluímos que o corpo é uma moldura que se presta a contar histórias e a revelar um povo sábio em todas idades por respeitar os limites e a função destinados a essência de uma vida.

Palavras-chave: Corpo primitivo. Preservação. Ontogênese. Cultura Tukano. Mito.

Afirma o estudioso Thomas Edison (1847-1931) "que o corpo serve apenas para levar o cérebro para passear". O discurso escrito há bom tempo passa por grandes transformações na aceitação plena de que o corpo é muito além daquilo que a filosofia compreende e a quem do que se prevê na escatologia humana que sem dúvida ainda responderá de forma explícita à luz que sobrepuja o pensamento enfático do seu criador.

Com certeza o estado evolutivo das Ciências, principalmente aquelas ligadas à construção da humanidade, tem visão ampla daquilo que tento explicar. Durante um longo tempo as certezas tiveram encontro com suas dúvidas e as palavras crivadas de fidelidades tornaram-se alvos de traição. Esta concepção se aplica em todas as formas com a análise telúrica que fazemos de um corpo que tem a sua utilidade apenas para conduzir um órgão assessorial ao

* Doutor em Educação Física – área de Sociologia do Jogo e da Atividade Física – pela Faculdade de Ciência e Desporto da Universidade do Porto (Portugal). Professor na Universidade Nilton Lins, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e na Universidade La Salle. Foi secretário de estado do Governo do Estado do Amazonas. *E-mail:* jjurema@uol.com.br

seu passeio matinal, digo eu. A velocidade de mudança de marcha quando analisamos o corpo é suscetível a mudanças radicais. Ainda em pouca idade passada, o corpo espontâneo e que atraía grande massa da população era eivado de gorduras em homeostase com a capacidade de procriação. Quanto maior o corpo do vinhedo, melhor a trepadeira para as uvas. O dito é popular, mas é um retrato fiel para explicar sobre as mutações que causaram desejo ao corpo.

A tentativa de caracterizar um corpo ideal em cada sequência do tempo é algo inaceitável para a Ciência. Mas, tentar construir um corpo epistemológico que discute suas necessidades, conversa sobre sua utilidade e espera um entendimento amplo para que se eternize como belo é o objetivo final dos estudantes insatisfeitos na busca de compreender o mistério que envolve a função corporal. Entendemos que esta é uma árdua batalha e necessita de um processo de reflexão intensa por se tratar de assunto complexo, que aumenta o desafio em busca do conhecer generalizado com relação ao corpo. Reporto-me à dificuldade de compreensão que a maioria dos intelectuais tem para estabelecer um diálogo aceitável, às vezes, até com seu próprio corpo. Nesta matéria, não existe salto de qualidade sem o salto do sacrifício. O corpo responde pelos excessos de exercícios, de alimentação, de peso, de egoísmo. Todos estes elementos estão em mutação e são participantes do mesmo processo: o limiar e o excesso de algo.

O passeio histórico revela um corpo que sofre demasiadas modificações, às vezes até por força do imaginário popular que prefere uma cultura diferenciada e esdrúxula do que seguir seu curso normal de expectativa social. Meu desejo é que as pessoas percebam o fato de que o corpo "venda" é diferente do corpo realidade. Somos a encenação de que aquilo que vejo é diferente daquilo que enxergo: qual de nós brasileiro é apreciador de um corpo esbelto, magérrimo e andando feito uma caveira na passarela de desfile. Ainda nos domínios da criação dos nossos desejos, apreciamos os corpos musculosos, talhados dentro das academias de musculação. Somos admiradores dos que enchem as células de ferro num frenético desejo de ser melhor ou diferente no mundo dos iguais.

Sem o devido respeito com os efeitos substanciados na saúde e no bem-estar e com o profundo agravante de ingesta de ferro potencializado pelo efeito da química do desconhecimento.

CULTURA CORPORAL – EFICÁCIA DE UM SISTEMA COMPLEXO E BELO

Os ditos antropológicos parecem açucarados quando escritos por Mércio Pereira Gomes para elucidar a cultura e seus aspectos formais. Cultura é vista como sinônimo de erudição. Continua o pensamento do antropólogo no que concerne à cultura na tentativa de efetivar-se como substantividade do ser culto, e isto quer dizer possuir conhecimento e demonstrar

refinamento social. Alargando este princípio para a questão do corpo, temos a plena satisfação da incompetência para entender que no cômputo do inverso a cultura corporal é alheia e vigente ao conceito antropológico. No entanto, abordando a etimologia da palavra cultura em sua raiz temática, é uma palavra que vem do verbo *colere* que, traduzido em sua forma literal, quer dizer cultivar. Num breve momento de reflexão a respeito do que escrevemos, temos, de um lado, a cultura axiológica (valores) em confronto com a questão corporal e, de outro lado, a efetivação de um discurso cabível no mundo atual onde cultivar significa um estado de saúde que pode ser perfeitamente desenvolvido numa existência com fito de preservar a vida e a longevidade desta. Efetivação de um discurso que parece incompleto, mas em sua essência as relações são intrínsecas e falantes entre si.

Como nossa proposta é um passeio epistemológico para compreender o corpo, vamos adentrar a porta da fisiologia humana e dar o destaque merecido pelo corpo tanto na forma simpática como na parassimpática. Nada pode ser comparado à beleza do corpo quando nossos olhos, que são parte integrante dele, conseguem adentrar para ver como ocorre o encadeamento das funções do corpo. Ouça a fala da voz rouca do coração. Escute os líquidos fluírem por cada canal que abre no círculo longo e majestoso. Que dizer dos gases que se movimentam numa frenética corrente dando volume e peso à carcaça corporal? A perfeita combinação dos mecanismos, favorecendo os princípios fundamentais da física, circulando líquidos por todos os canais e recebendo com uma fluência maior de entrada, mas respeitando a fluência menor de saída. É a lógica dos volumes dando o conhecer da pressão por duas válvulas de sístole e diástole.

Analise os feixes oculares que se encarregam de encurtar o aumentar a distância conforme a necessidade de identificar as cores. Olhe a rápida velocidade de reação em cada sinapse que acontece no sistema neurológico dando vazão ao movimento que é, em sua essência, muscular, mas obedecem às informações do cérebro. Estude o conjunto de músculos opostos que dão sustentação ao corpo parado ou em movimento. O que falar das proteções gerais do maior órgão que tem a responsabilidade de revestimento de toda essa máquina de movimento.

Escute o parassimpático emulado pelo coração, combinando a carga de ar que o pulmão pode emitir. E o que dizer dos intestinos que recebem o processamento de detritos orgânicos e têm a função de avisar quando o pote está cheio. Esse sistema complexo é limitado em ação, mas apreciado em seu conjunto por uma série de fatores que agem entre si. Um depende do outro para o pleno funcionamento. Sem dúvida, estamos diante de uma máquina que funciona em prol de garantir a vida. Este é um presente Divino que deve ser conservado em seus pormenores para trabalhar com satisfação em todas as fases da vida.

Pela magnitude que é o corpo, sinto-me como se a verdadeira trama interdisciplinar, carro-chefe da identidade deste aparelho de divulgação da cultura, resgatasse o corpo agora de sua verdadeira ontogênese em que ele figura como principal ator deste palco de apresentações científicas.

ERUDITO NOS DITOS DE HERODES

Gosto de expressar meus sentimentos quando o assunto gera polêmica e é debatido em vários espaços, com opiniões diversas e aguçado por pessoas que entendem de suas áreas de atuação. Com base nesta informação preliminar, aproveito o ensejo para comentar sobre o discurso histórico do corpo. Contam as informações religiosas que Herodes mandou dividir a criança ao meio para "satisfazer" as duas mães que lutavam pela posse do filho. O ato vem carregado de princípios do direito civil e emulado de direito moral. Para o corpo, dividir significa preambular a morte. Embora reconhecendo a pecha de Herodes como matador oficial e responsável por um dos primeiros infanticídios. Ele é fundamental para a compreensão da erudição do corpo que não admite a divisibilidade entre partes. Portanto, existem vários discursos para a temática do corpo. Vou me ater a um que tem domínio filosófico intenso para expressar a minha opinião tendo como pano de fundo o enfoque da atividade física como mentor pela busca da saúde e do bem-estar das pessoas: *Mente sana in corpore sano*, obedece invariavelmente ao princípio de Herodes, o grande, que não permite uma divisão corporal. A palavra erudita tem dimensão excêntrica, mas é aditiva para uma pessoa culta, estudiosa e intelectualizada. De um lado, a força do discurso da autoridade. De outro lado, a força do discurso do corpo que prezou pela indivisibilidade, embora a proposta fosse para alentar a discórdia de duas mães. Torna-se impossível compreender um corpo resolutivo e que admite a divisão temporal de suas partes.

Trago comigo no peito a força da opinião dissidente quando a questão da divisão corporal é prevalecente para coisas e naturezas distintas. Não há corpo sem capacidade pensante, nem capacidade pensante sem corpo, pois ambos estão em relação contígua e, ao mesmo tempo, separados em suas funções primárias. Em resumo, toda erudição de um corpo é fato inteligente e a teimosia contra os desígnios do rei teve validade garantida quando, por amor, uma mãe não deu permissão para o soberano dividir um corpo em dois para a plena satisfação dos desejos maternos, corpo é voz erudita de um canto de música clássica, de uma escultura divina recheado de inteligência e inegavelmente a melhor forma de discussão da Ciência. Para os estudantes do campo científico, o corpo nada mais é do que um poço de bondade epistemológico pronto para saciar a vontade dos que desejam aprofundar conhecimentos ecléticos.

CULTURA DA ESSÊNCIA, A ESSÊNCIA CORPÓREA

Durante a realização da nossa pesquisa de campo que tinha como um dos fitos estudar as comunidades indígenas da Amazônia, tivemos a oportunidade de vivenciar o *modus operandi* de uma reserva indígena da etnia Tukano. A comunidade está localizada na zona a noroeste do

estado do Amazonas, num local chamado popularmente de cabeça do cachorro. Várias famílias estão distribuídas em comunidades representativas, vivendo do cultivo, da caça, da pesca e de alguns trabalhos nas escolas e órgão da prefeitura de São Gabriel da Cachoeira, município que é albergado na cidade de Iauaretê, onde os Tukano são dominantes.

A cultura Tukano é forte no sentido da manutenção da palavra escrita e falada. Cultivam a realização dos rituais, principalmente aqueles relativos à preservação corporal. Num vasto sentido operante da selva, o que acarreta invariavelmente vida difícil, corpo tem função primordial entre eles. Ele é o quadro onde ocorrem as principais pinturas. Constitui-se num universo harmônico entre as várias etapas da vida, cada uma bem marcada e caracterizada para efetivar os princípios norteadores do saber. Quando crianças são comparadas aos animais, principalmente os que flutuam nos galhos e são habilidosos para a sobrevivência. Quando adultos exploram o corpo essencial, prezando pela qualidade de suas ações e completamente voltados para cumprir a obrigação da maternidade ou paternidade. Quando idosos adquirem o respeito universal da presença Divina em seus corpos. Não existem corpos menores, existe idade menor. Em realidade, no domínio corporal da etnia da cultura Tukano, encontramos a sublime essência da função que o corpo exerce sobre a vida. Nenhuma etnia preserva e cuida do corpo como os Tukano.

É substancial considerar a relação desta etnia com as condições naturais em que eles vivem. Isso acarreta dificuldades extremas na condução do cotidiano. Isto também ameniza a natureza selvagem em que eles se encontram. O contato com outras culturas é perigoso e fugaz. Todos estes aspectos servem para manutenção da essência cultural Tukano, principalmente aquela expressa na função corporal.

Observamos que os homens da etnia Tukano casam com as mulheres que efetivamente têm as pernas grossas por indicar claramente que elas servem para ser mães, dona de casa e excelentes trabalhadoras da roça. Neste sentido, a mulher pertencente à etnia Tariana são suas pretendentes ideais. Vejam que o costume do torniquete na altura do joelho é uma prática comum da cultura dos Tariana.

CORPO MODERNO EM QUE SENTIDO?

O grande sentido, a melhor perseguição da sociedade pós-moderna, é achar que todas as outras culturas estão erradas e apenas seu modo de operação dos fatos é o certo. O que me leva a afirmar tal conceito é a certeza de que na vertente corporal nunca navegamos em águas tão profundas como agora. É moderno dar forma escultural ao corpo utilizando como aspecto motivacional a certeza de que serem atrativos para o sexo e para a segurança, pois quem se defronta com um corpo dito "sarado" terá medo ou receio de enfrentá-lo. Corpos são aparelhos que devem ser modulados como se fossem móveis para escritório?

A injeção plástica na indústria faz a modelagem ideal para a utilização do produto. É isso que desejam aos nossos corpos? Então o pós-modernismo busca uma efemeridade vulgar que psicologicamente vê no outro o seu ideário de conquista. Que desejo com esta afirmação? Desejo traduzir em poucas palavras que o sentido do corpo tem sido de uma projeção psicológica que desafia os conceitos inerentes a Marck Augé (1999) quando analisa o "eu" e "outro". Neste sentido, a contramão cultural ataca de forma a colocar em primeiro plano o corpo do outro, no qual a sociedade discutida e afirmada narcisista por Gilles Lipovetsky projeta os seus desejos, suas fragilidades e, principalmente, seus medos. Essa busca idealizante perpassa o pensamento científico colocando-se como um sonho que é vivido acordado. Projetar o corpo de um artista e manter-se ao lado de um operário da construção civil se torna eticamente errado, mesmo em um universo de múltiplas oportunidades. O corpo é o corpo e deve ser respeitado e tratado como tal. Qualquer projeção que haja neste percurso de vida do corpo será produto de um pensamento casual e condenado ao falhanço total.

Vale lembrar que, até pouco tempo, os corcundas eram pessoas abomináveis, justamente por terem corpos diferentes da esmagadora maioria da sociedade. Vale lembrar que ainda na Idade Média as mulheres com porcentagem de gordura elevada eram consideradas excelentes para o casamento por demonstrarem possuir energias suficientes para suportar uma gravidez. Gorda em determinada época era sinônimo de atração sexual. Por fim, os rituais longevos dos indígenas limam a dentadura de seus adolescentes para que fiquem iguais ou parecidos com os dentes de peixes ferozes. Aquele que é excluído dos rituais é também excluído do casamento. Vá entender esta sociedade de contrastes!

TATUAGEM

Pintar o corpo é vivenciado na história dos humanos desde os tempos remotos. O gravar é verbo que o corpo tem de conjugar na forma mais excêntrica, o gravar para sempre. Submeter o corpo ao processo de pinturas é uma violação temática de qualidades ainda pouco descritas pelos pesquisadores atuais. Temos uma atividade simbólica ou uma alusão à arte? É permitido usar o corpo como tela de pintura, muitas vezes desobedecendo à natureza e à longevidade do tecido que o compõe. É o verdadeiro discurso da invasão de propriedade que fica patente com tal ação. Não queira saber o que passa na cabeça de uma pessoa quando a decisão caminha no sentido de apagar a sua estrutura corporal criando outra, no sentido de cultivar os grifos, mesmo aqueles que soam como protesto cultural.

Em conferência proferida na SBPC no ano de 2009, durante a etapa nacional que teve como palco a cidade de Manaus, escrevemos um texto curto para representar o aspecto da mutação do corpo: Mutações corporais. A pintura corporal tem sua origem na comunicação com entidades superiores para a guerra. Elege a mais bela e sensual das mulheres. Na civilização

primeira a pintura é símbolo de encontro com as entidades que protegem o corpo, elevam a alma e promulgam o sagrado. A pintura corporal, saindo do objeto indígena, encontra o objeto do desejo no mundo moderno. Essa modificação é aceitável do ponto de vista de que a mulher moderna necessita de aparatos para evidenciar a sua beleza e a pintura corporal representa bem este significado. Estudar o significado da pintura corporal não seria aceito no mundo de hoje sem as bases primordiais encontradas nas gravuras indígenas. Uma indígena pinta seu rosto com a finalidade de enfrentar os rituais, principalmente os de iniciação sexual. A atitude de pintar o rosto com sentido de festa está literalmente repleta de sagrado. A mutação para a modernidade escapou à compreensão de que um ritual de passagem acontece para efetivar o sagrado, e todos os dias o mundo moderno pinta seu rosto para enfrentar a competição diária. A guerra, a caça, a festa e os rituais significam um conjunto de atividades que são realizadas para congregar a aldeia e reatualizar suas crenças ritualísticas. Quando nossa análise foca nos materiais utilizados com fim de pintura corporal, temos o que a moderna agricultura classifica de agressividade sustentável. Os produtos utilizados para a pintura corporal indígena são biodegradáveis, oriundos de frutos e caroços retirados da natureza. As pinturas sintéticas são cancerígenas e, por exagero de capricho, as tatuagens são eternas. Aqui não podemos aceitar a ideia de mutação sem tecer severa crítica ao torto pensamento do mundo moderno com relação à pintura corporal indígena (JUREMA, 2001, p. 56).

VALORES CULTURAIS

Bom, meus diletos leitores, temos aqui uma dissonância entre escolher a vertente cultural que está em melhores condições para adaptação e enfrentamento da difícil missão do corpo ou aceitar a vulnerabilidade como sendo um padrão dentro da naturalidade da sociedade vigente.

VIOLAÇÃO CORPORAL

As comunidades indígenas usam os artefatos que perfuram o corpo como forma de identificar os processos reprodutivos e o compromisso com o trabalho, exclusivamente o doméstico. Uma amarra feito torniquete na altura do joelho indica que aquela mulher, pela pressão fisiológica de vasos importantes que navegam em caminhos de sangue por ali, irá ter uma perna grossa, resistente, robusta e com grande sinal de poder para ser mãe, preparada para o trabalho de roça, que nada mais é do que a sustentação ritual da família. Resistente para as caminhadas intermináveis e longas durante várias horas ao sol a pique,

carregando apenas uma certeza: ao final deste percurso ela poderá achar frutas para alimentar sua prole. É assim que o corpo físico é mutilado dentro de uma comunidade indígena. É uma mutilação benéfica que desenha um sentido de aproveitamento do estrangulamento. Não é necessário aditivo. Refiro-me ao estrangulamento da perna da mulher indígena que de forma mais natural possível consegue reter a cadeia formada por átomos de oxigênio pelo aperto das amarras de sua perna. Note-se que quanto mais uma adolescente usa o torniquete do joelho, mais ela é desejada para o casamento. Ali aquelas pernas inchadas carregam consigo um significado familiar pouco compreensível aos ouvidos do pós-moderno que tem seu ideal de conjugação carnal na beleza da mulher sem gorduras e caminhando para o esbelto, fino e abaixo do índice de massa corporal normal e natural. As expectativas de família e de produção quanto ao trabalho doméstico podem ser resolvidas no pós-moderno com a utilização do trabalho escravo de outras mulheres que poderão ser serviçais na constituição da família de preguiçosos.

O torniquete de joelho é usado para reter água, tornando o boleoamento do músculo da perna em estado de alerta. A retenção de líquido da primeva é um "bem" incomensurável para a perna que, no seu profundo desejo, deverá ser tão grossa e bonita como sua coxa.

Quando a mulher indígena abusa do torniquete ou consegue o seu trunfo idealístico da construção da família, ela afrouxa as amarras e segue sua vida com saúde e disposição para o trabalho, sendo admirada e desejada por seu companheiro de rede de dormir. Se neste caso a mulher pós-moderna desejar engrossar sua perna utilizando os meios mais fáceis e débeis que o implante.

Matéria que é, de propósito, inserida ou implantada no hospedeiro, e que pode ser orgânica (p. ex., rim, dente etc.), ou inorgânica.

A indígena faz a mutilação por um tempo memorável e sem mecanismos invasivos. Passado o tempo de conquista, o uso do torniquete é abandonado e a perna naturalmente volta ao normal. Não se vê uma mulher adulta dentro de uma reserva utilizando este artifício do desejo. Ao contrário dos implantes feitos nos açougues da beleza que seu efeito reversão é de forma brutal estando mais perto da deformação do que da manutenção dos estereótipos da estética.

O BRINCO

Dos tempos remotos antes de Cristo e já na civilização arcaica, o uso do brinco tem seu registro como adorno feminino para realçar a beleza da mulher e para parecer bem vistosa ao seu conquistador. Veja que a temática da conquista quando contra-ataca, mostrando algo, exuberando cores ou destacando pontos a serem vistos, também reflete alternância entre ser vítima e algoz em determinado momento. Não temos registro de elemento conquistador

como requisito para as mulheres, apenas com o aparecimento do adorno do brinco. Seu uso torna-se comum no brincar de ser belo, na beleza aparente que ele dedica ao rosto. Na chamada de atenção ao enquadramento de dois pontos na orelha e entre os espaços da boca, nariz e olhos. Perceba este conjunto ativo proporcionado pelo brinco que é bem visto pelo todo com destaque para as partes. Analisado de forma isolada, talvez não se perceba a sua influência com precisão. Já no conjunto visual, ele é parte determinante da beleza dando harmonia e graça ao rosto. Os exageros são produtos de análise em outro contexto, haja vista que desejamos realçar o que é bom na teoria de Platão, criando o belo.

O PIERCING

Escala de valor de marcação, este implemento chega ao corpo pelos domínios da sociedade alemã, mas com estreito relacionamento na forma como os camponeses da Europa marcavam seus animais. O nariz e a orelha dos bovinos eram marcados com a argola para diferenciar os proprietários e também para qualificar as extirpes existentes naquele espaço de criação animalesco. Assim, algumas culturas inventaram este meio de marcar animais e aderiram, em princípio nas mulheres e, depois, em ambos os sexos. Já se registram crianças nos tempos atuais fazendo *piercing* em todas as partes do corpo. Longe da análise psicológica, o simbolismo deste implemento é muito marcante. Por todos os caminhos percorridos, temos a comparação do reino animal com o reino atual. Mesmo nas culturas onde o *piercing* é largamente utilizado como símbolo, já é relacionado com alguma maneira de distinção entre classes e raças.

É, a cultura contra-ataca fazendo do animalesco algo que é diferente e que atrai de alguma forma a atenção da população. Sociedade marcada pelo pior processo na escala evolutiva, nada mais e nada menos do que a comparação com animais domésticos. Síndrome da involução do humano para o animalesco, guardando que o humano tem a capacidade de decidir sua existência pelo pensamento na célebre afirmação de René Descarte.

O ARCAICO É MODERNO À MEDIDA QUE O MODERNO É ARCAICO

Bom, vamos tentar equacionar nossa discussão em torno da questão do corpo. Lamentavelmente, a nossa sociedade, que tem característica do conhecimento instintivo, guarda o corpo como sendo objeto de uso. Analisando pela função biológica, o corpo objeto necessita ser pensado como sustentável. Isto para alicerçar o conteúdo de saúde para toda vida. Um corpo castigado na juventude não obterá condições salutaras para a velhice. Já a velhice não torna o corpo saudável para se viver aos 60 anos, a idade de 20 anos. Com base nesta óptica,

percebemos uma involução dos mitos arcaicos bem presentes na modernidade. As pinturas corporais do passado estão sendo reativadas nas tatuagens simbólicas ou rituais que identificam a natureza e a qualidade das pessoas. Ora, se os animais detinham esta prerrogativa, os modernos, fazendo sua cópia autêntica, partem do mesmo sentido. Se este fator não reside nos animais e sim nas civilizações arcaicas, somos de opinião de que o moderno está num processo voluntário de regressão.

Sofrer por um corpo diferente. Sustentar as diversidades naturais dando sentido ao corpo forte. Superar desafios que são impostos somente na cultura primitiva. Transformar genericamente o corpo dando vazão para o processo de mutação prolongada. Mimetizar as feições das aves, dos insetos e das feras em seu próprio corpo. Estas são características do arcaico que necessita se expressar desta maneira para garantir um espaço conhecido das intempéries naturais. Mas, me ajudem se eu estiver exagerando: essas características estão mais vivas na sociedade moderna ou no primitivismo?

CORPO-SÍMBOLO

A Nova Era proporciona ao homem viagens fantásticas, limites são quebrados e o tempo das comunicações tem sido imediato e instantâneo. Hoje se pode radiografar o corpo e determinar, por exemplo, o quanto uma criança pode crescer. Como um conto de fadas, as análises de DNA identificam e fazem o mapa da estrutura física de uma pessoa, facilitando a cura de doenças pouco avaliadas pelos homens, até recente data. Tudo vem colaborar para as facilidades que se contrapõem ao tipo de vida saudável que o corpo exige para atingir a sua plenitude. A fórmula quase religiosa da busca do corpo ideal tem sido a grande alavanca do mundo onde a construção corporal é o objetivo primeiro e fim, sendo o motivo principal para a vida de muitas pessoas. É possível, nos dias atuais, configurar a beleza de um corpo com o auxílio do bisturi e a possante inserção da mão humana modelando e idealizando a forma que a sociedade admira. O modelo vigente não expressa saúde, pois a perspectiva de sucesso do corpo está diretamente relacionada com a imposição dos olhares estrangeiros e com modelos diferenciados de nossa cultura étnica brasileira.

Andar em uma passarela, com um movimento acerbado de quadril, com pés em pronação para facilitar tal movimento, tem sido a vigência da moda. Tudo contribui para a sofreguidão populacional; os corpos, neste sentido, são mercadorias manuseadas que, sem identidade, passam a responder pelos delírios da internacionalização de um modelo construído sem o pensamento da longevidade temporal. No aspecto simbólico do corpo e considerado o grau comparativo das culturas sociais aqui expressas, ou seja, o domínio da sociedade pós-moderna e a sociedade primitiva, vemos a regra básica transponível do corpo saúde, utilitário e símbolo da vida no primevo, sendo transformado em corpo utilitarista, contrário aos domínios

da saúde e apenas como passageiro da agonia para usufruto imediato na sociedade pós-moderna. É o contrário dos contrários ou o avesso do avesso melancólico e de grande propriedade quando expressado na voz de Caetano Veloso.

Vistas pelo alto da Ciência e buscando um mínimo de conceito epistemológico, três áreas do saber são interpostas para a compreensão do que escrevo. Para efeito de explicação emergente, vou considerar essas áreas como prioritárias, embora outras vertentes possam ser atreladas nesta etapa do pensamento. A Fisioterapia e a Educação Física arrepiam quando um desfile que exalta o corpo é colocado em vitrine e as "benditas mulheres" movimentam-se como libélulas em transformação. A primeira, enquanto Ciência, deve preocupar-se com problemas que advirão com tanto molejo, em cima de um centro de gravidade ossificado tão singelo e frágil. De um lado, os fisioterapeutas sofrem com a exposição do corpo em profunda movimentação. De outro lado, adoram as sobras daquele momento por ser uma fonte geradora de clientes em estado de decomposição óssea. Pensamos que aquele corpo que procura demonstrar a beleza irá desabar nos próprios pés e que, com a infelicidade total das proponentes, a osteoporose se aproxima de maneira senniana (relativo à velocidade do piloto Ayrton Senna) daqueles ossos indelévels.

A captação de um corpo suportável a partir das dietas e dos remédios que inibem o apetite revela a propensão para a debilidade no futuro. Percorro aqui a segunda Ciência desta feita, não com a contribuição material, mais nos desvios do orbe freudiano e no império da psicologia. Os desafios são intensos para que a saúde tenha sua função determinante neste aspecto. Voltamos a firmar que esse duplo conjunto de emagrecimento pode servir de ponte larga para a morte precoce ou para comprometer o processo evolutivo humano.

Por fim, a terceira área do saber de que importamos conhecimentos para sugerir este corpo símbolo, trata-se da área do movimento e da atividade física, função preponderante para produzir efeitos no corpo que podem provocar modificações *sui generis* no aguerrido corpo simbólico.

O DISCURSO CORPORAL VIGENTE

É notório que a sociedade moderna procura infinitamente justificativa cultural para a maquinação de um corpo perfeito. A cada dia os avanços tecnológicos se encarregam de buscar a fonte da juventude para que o corpo adquira um discurso próprio para o lazer, para a saúde, e mais do que verídico para o prazer. Acompanhando o que pensa Ricoeur (2002) em sua magistral teoria da interpretação, nos atrevemos a dissertar sobre este complexo assunto da teoria humana. Ele assevera que uma afirmação pode ser contradita por outra afirmação e pode ser verdadeira ou falsa. Sem escala de valores, sem ter convivido com corpos que buscam o sentido que aqui nos referimos, ousa perguntar aos meus colegas que

tiveram esta experiência que sobre a luz da leitura corporal estamos conduzindo a nossa sina intelectual ao erro de silabação. Porém escrevemos que a linguagem corporal é inerente ao processo de conduta das pessoas, passando por um elevado drama social de chamada de atenção como até a própria natureza humana de esconder-se em uma capa protetora. O corpo é uma linguagem difícil de ser lida que, em seu aspecto fundamental, diz tudo que necessitamos para a vida. O corpo foi concebido para mostrar algo que ainda não foi revelado e que muitas vezes passa apenas no pensamento do seu proprietário. Nesta óptica, abraço os conhecimentos de Ricoeur (2002, p. 14): "a nossa tarefa será, portanto, libertar o discurso do seu exílio marginal e precário". Qual o corpo simbólico que a sociedade deseja criar?

Numa contribuição mais efetiva, afirmamos que em relação ao corpo a imaginação é tudo. O corpo em seu estado evolutivo e obedecendo sistematicamente ao conceito de fases biológicas do Ser e fazendo um paralelo, podemos afirmar que cada uma delas (fases) representa uma prévia das próximas atrações da vida. Com relação ao corpo, plante agora para colher no futuro. Se você planta saúde, colherá benefícios para toda a na vida. O culto ao sagrado está estabelecido, como bem preconiza Mircea Eliade (1998) (a este respeito, ler a obra *Os sagrado e o profano*) mostrando uma estreita relação entre doença e saúde, sendo elo de um conceito bem atual, mas pouco respeitado pela população: sustentável sim, vamos iniciar o discurso da sustentabilidade pelo nosso corpo.

CONCLUSÕES

O universo vivido pela civilização arcaica ainda tem muito a ensinar aos pós-modernos, essencialmente na função corporal. Encontramos na civilização primitiva um valor cultural ao corpo e uma profunda divisão de utilidade conforme o passar dos tempos. Uma criança demonstra em seu corpo uma relação simbiótica com os animais, notadamente aqueles que representam a destreza, a alegria e a facilidade de viver a vida. O corpo é uma experiência carregada de informações históricas e de guerra, embora indique claramente que um corpo merece a paz, o descanso e a tutela da Divindade conforme o passar dos anos. Os indígenas usam o adorno na sua função original de atrativo e embelezamento corporal, ao passo que a sociedade atual abusa de adornos sem significados ou pouco importantes para seu objetivo fim. Os corpos no primitivo são mutilados com requintes para facilitar a conquista e têm um tempo determinado para esta ação. Qualquer acessório indígena, quando usado, tem relação com a sua cultura, principalmente a cultura da manutenção dos costumes e da sobrevivência.

Toda a construção do corpo revela profunda relação com a epistemologia quando usa conceitos de várias Ciências em profusão e harmonia. O corpo fala a linguagem da vida e seus

órgãos tocam o soneto da compreensão em todos os sentidos. Atrevemo-nos a afirmar que, das muitas belezas encontradas no universo, o corpo seja, talvez, a mais perfeita de todas.

Quando tentamos uma comparação entre a função corporal primitiva e a pós-moderna encontramos larga diferença positiva em favor dos primitivos que entendem que seu corpo é filosófico e utilitário, enquanto os pós-modernos são utilitaristas, ao mesmo tempo vivem o contexto atual, gerando o consumo a toda prova, sem a sustentabilidade humana que encontramos nas sociedades arcaicas.

Dependendo do motivo, o corpo primitivo tem a função de um quadro, onde o artista mostra a sua generosidade em produzir verdadeiras pinturas, que cessarão conforme o fim da atividade, da festa ou do campo de guerra.

Alertamos para erro de interpretação corporal quando as pessoas usam de outros fins para modelar uma beleza psicológica que é criada em torno do corpo ideal. A história tem nos mostrado que utopia pode fazer parte de um sentimento de luta e de valores. À guisa de informação, os valores que são cultuados hoje poderão ser desprezados no amanhã. E o amanhã poderá se tornar o hoje, efetivando em linhas claras o conceito de moda corporal social. Assim tem acontecido com a teoria do corpo ideal. A projeção que se faz do corpo é exatamente aquilo que detestamos: a magreza e a falta de corpo suficiente para gerar uma prole.

The defense of the body in constant storms: comparative analysis between post-modern primitive culture and society

Abstract – The objective of this paper is to study different points of view of epistemological concepts about body. We try to trace a context of primitive and pos – modern societies, identifying in each one the use and finality of the body. Inside the survival context, the primitive society works on a spontaneous and natural way, the corporal, that are necessary for social equilibrium and conquest of a space called family. In this sense, the body is considered as an expression that survives inside many tendencies of knowledge, showing the epistemological identity that the body itself has. The methodology was exploratory with case study and qualitative investigation in the Tukano Indians social space, already explained on "O universo mítico ritual deste mesmo povo". Our conclusion is that the body is a frame that tell stories and reveals a wise people in every age because it respects the limits and essential functions of the life.

Keywords: Primitive body. Preservation. Ontogenesis. Tukano culture. Mith.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. *O eu e o outro*. São Paulo: Nobre, 1999.

ELIADE, M. *História das religiões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. Lisboa: Vida e Arte, 1998.

JUREMA, J. *Universo mítico ritual do povo Tukano*. Manaus: Valer, 2001.

JUREMA, J. *Amazônia entre esporte e a cultura*. Manaus: Valer, 2002.

RICOEUR, P. *A teoria da interpretação do discurso*. Petrópolis: Vozes, 2002.